

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lourdes Maria Bragagnolo Frison ¹

Resumo

Este artigo intenciona refletir sobre as questões de gênero, sexualidade e corpo presentes nas práticas da educação infantil. Pretende-se colaborar com a reflexão e a formação dos professores em uma atuação mais significativa para todos os envolvidos na educação infantil.

Palavras- chave: sexualidade, educação infantil, proposta pedagógica.

1. Contextualizando a temática

Pensar sobre corpo, gênero e sexualidade das crianças não é prioridade entre os projetos pedagógicos da maioria das escolas de Educação Infantil. O modelo pedagógico busca trabalhar assuntos diversos, porém, geralmente, deixa este tema, que envolve a construção da identidade pessoal, para outras demandas. Muitos educadores continuam adotando práticas pedagógicas bastante tradicionais, por acreditarem que a aprendizagem se dá apenas através da transmissão de conhecimentos, conforme explicado pela epistemologia empirista. O modelo racionalista também não contribui para a ocorrência de modificações, pois acredita que não se pode responder aos propósitos de desenvolver e estimular nos alunos capacidades cognitivas.

Corpo, gênero e sexualidade estão presentes em todos os momentos e em todas as atividades e interações escolares e não-escolares, das crianças e influenciam fundamentalmente sua maneira de

¹ Doutora em Educação pela PUCRS e docente da UFPel. (lfrison@terra.com.br) Rua Eng. Rodolfo Ahrons 285. 91530/320. Porto Alegre. RS. Telefone: (051) 99711408; (051) 33360521

viver, de ser, de se projetar no mundo. A sexualidade pode ser vista como “a base da curiosidade, a força que nos permite elaborar e ter idéias, bem como o desejo de ser amado e valorizado à medida que aprendemos a amar e a valorizar o outro” (BRITZMAN, 1998, p.162). A sexualidade manifesta-se através de atitudes, comportamentos, gestos, ultrapassa, portanto, a dimensão biológica, pois envolve emoção, afeto e imaginário. A sexualidade se expressa através do corpo, na subjetividade única de cada sujeito. Ela mostra sua dimensão existencial, quando pensada como direito individual, da ordem do íntimo, que envolve o sujeito em sua totalidade. Ela manifesta sua dimensão social, quando as peculiaridades adquiridas emergem da sociedade em que o sujeito está inserido.

No espaço escolar, na sala de aula, por exemplo, há crianças em condições de subordinação em relação aos professores, os quais assumem o papel de transmissores de um conhecimento legitimado. Assim, o corpo do aluno fica submisso a lugares e comportamentos pré-determinados, organizados pela dinâmica escolar. Seriam os “corpos dóceis, corpos submissos”, como enfatiza Foucault (1987, p. 118-119). Este autor (1977) destaca que a compreensão do caráter social da sexualidade é definida pelas elaborações histórica, política e contextual, explicadas pelas manifestações sociais e históricas, cujas formas e variações não podem ser identificadas sem que se examine e explique o contexto em que se formaram. A pessoa nasce com seu corpo definido (ser homem ou mulher; ser alto ou baixo, ser loiro ou moreno...), porém a sexualidade é aprendida, construída pelo próprio sujeito e, em grande parte, condicionada por sistemas de valores familiares, culturais e sociais vigentes. Estes valores são, muitas vezes, reforçados, reprimidos e normatizados por influências religiosas e morais e pelo que é divulgado por livros e histórias infantis, os quais submetem a criança a determinados modelos ideológicos que influem sobre sua expressão.

Na escola, na sala de aula, os alunos são submetidos a técnicas disciplinares, visando que eles tirem o máximo proveito das atividades escolares e das relações grupais. O disciplinamento atua diretamente na constituição do sujeito idealizado pela sociedade atual, bem como na transformação deste sujeito em algo pré-formatado, definido pela sociedade como “modelo

necessário e indispensável” (FOUCAULT, 2003). Sistemáticamente, é feito, na escola, o movimento de disciplinamento do aluno, através de horários, gestos, repreensões, discursos, omissões, atitudes; cobrança de tarefas, exercícios, ações que possam garantir a produção da disciplina. Aliás, a escola pensa que, através da disciplina, garante a aprendizagem. Em todo trabalho “educativo” desenvolvido pela escola, existem situações de repressão e omissões que, mesmo veladas, impõem as crianças valores e regras de convivência, atreladas a conceitos previamente determinados e explicitados no projeto pedagógico e no marco doutrinal.

A sexualidade tem sido descrita, compreendida, explicada, regulada, estudada, normatizada a partir de várias perspectivas e campos disciplinares. O educador é, de igual forma, fruto dessa educação repressora. Ela também marcou o caminho por ele percorrido. O educador, portanto, traz implícitas, em suas ações, as concepções de sua educação sexual e de sua vida pessoal. O educador é um sujeito sócio-cultural, um ator social de grande destaque no espaço escolar e desempenha papel crucial, principalmente no que diz respeito às interfaces corpo, gênero e sexualidade na educação. A Escola Infantil, sendo um espaço educativo, desempenha papel determinante na formação da criança, com vista a seu posicionamento e sua integração em uma sociedade em constante mudança, que se torna constantemente mais complexa, exigente e desigual.

Refletir sobre gênero, corpo e sexualidade, numa época de transição de valores como a atual, é bastante complexo. Pode-se encontrar na mesma escola ou na mesma família pessoas com argumentações totalmente diferentes sobre assuntos ligados à manifestação da sexualidade. Abordar o tema emergente da sexualidade constitui grande desafio aos educadores.

O assunto corpo, gênero e sexualidade vêm sendo divulgado abertamente pelos meios de comunicação, através de propagandas, *outdoor*, programas infantis, programas de auditório, filmes, novelas, revistas masculinas e femininas. É só acessar a televisão ou a Internet e, rapidamente, as crianças recebem os mais variados estímulos direcionadas às questões de sexo e de sexualidade. Não se pode negar, no entanto, que as crianças, embora recebam enorme quantidade de informações sobre o sexo, ainda apresentam uma compreensão equivocada sobre o assunto, porque muito pouco

é explicado, discutido. As cenas, imagens, propagandas que estão postas encarregam-se de tornar tudo muito explícito para a criança, porém sem oportunizar-lhes o conhecimento necessário. Pais e professores têm dúvidas sobre como agir, pois acreditam que, debatendo o assunto, podem influenciar a criança ou despertar curiosidades inoportunas. Um considerável grupo de educadores ainda acredita que a educação sexual, na escola, deve restringir-se a informações sobre fisiologia, anatomia, aparelho de reprodução e por isto ser de responsabilidade dos professores de Biologia.

As crianças convivem quotidianamente com cenas de sexo, seja em casa, seja na rua. Elas são motivadas à erotização precoce, através da imitação de comportamentos sugeridos por músicas e coreografias, que estimulam a sexualidade e a sensualidade. Os filmes infantis da Disney, embora considerados inocentes, trazem implícitas cenas, marcas “invisíveis”, que são absorvidas pelas crianças e influenciam, sua formação como sujeitos de gênero e de sexualidade. A construção da sexualidade se dá também por meio de artefatos culturais utilizados como estratégias e práticas educativas no contexto escolar.

Sabat (2008, p. 96) diz que, nos filmes infantis, “é possível observar, por exemplo, a repetição permanente de comportamentos considerados adequados aos diferentes gêneros”. A autora destaca que existe um processo permanente de construção das identidades vinculadas a “mecanismos de conduta socialmente adequados” e que a identidade não é formatada de uma só vez, sendo necessário um processo de repetição contínua, que vai ensinando a ser menino e menina (p.98-99). Gênero e sexualidade, assim como o corpo, parecem simplesmente terem sido colocados na escola, inscritos em determinada anatomia ou em uma interioridade psicológica inata, com uma identidade trazida da herança. As “marcas ou inclinações”, tidas como inatas e naturais, são “marcas construídas ou formatadas” pelo meio. As crianças, nas práticas escolares, encontram-se envoltas em redes de vigilância, controle e repressão (LOURO, 1999). Os filmes obedecem à lógica narrativa clássica que contém conflitos, romances com final feliz e estabelece diferenças entre ser masculino e feminino.

Nos filmes, as imagens falam dos papéis desempenhados pelos homens e mulheres. As imagens dos homens, normalmente, refletem autoridade, poder, domínio. As mulheres, quando desempenham papéis principais, não são consideradas mulheres comuns, mas rebeldes, diferentes, corajosas, diferenciando-se das demais. As crianças querem saber, discutir, trocar idéias e compreender o que viram nos filmes. Estão abertas a conversar, porque vivem a fase dos “por quê?” Estão descobrindo o mundo, descobrindo-se como homens ou mulheres, descobrindo-se masculinos ou femininos. Elas querem saber sobre as diferenças existentes entre si e os papéis que desempenham. Desejam encontrar, na escola e na família, o lugar em que, contemplados pelo afetivo, envolvidos pelo acolhimento de seus sentimentos e emoções, tenham respostas para suas perguntas, onde assuntos referentes a gênero e sexualidade sejam adequadamente tratados.

Depois de dez anos de definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) para o Ensino Fundamental, os quais atribuíram aos tópicos corpo, sexo, sexualidade a condição de tema transversal, estes assuntos continuam sendo pouco trabalhados pelos educadores nos diferentes níveis e modalidades de ensino. Nos PCNs está muito bem explicitado que trabalhar com sexualidade não se restringe a questões biológicas, mas envolve também as áreas psicológica, social e cultural.

2 Como trabalhar: possibilidades e desafios

A educação sexual tem início nos primeiros contatos da mãe com o bebê, na forma e na qualidade de sua relação com ele, ao dar-lhe carinho, amor e alimento, e no tempo que dispõe para isto. O ser humano, ao se desenvolver, recebe significativa influência da família, decorrente de orientações, informações, repressões, recomendações e carinhos.

Ao ingressar na escola, inicia a construção de vivências, de representações, participa de jogos, em que estão presentes corpo, gênero e sexualidade. O professor trabalha este assunto de forma implícita, quando manifesta suas crenças, suas atitudes, quando fortalece determinadas relações e reprime outras, quando constrói parcerias e faz vínculos afetivos.

Pereira (2008) salienta que em uma pesquisa feita no berçário de uma escola pública, uma educadora relata que está sempre atenta ao cotidiano do bebê e que a troca de fraldas é um contato íntimo, afetivo e muito produtivo. Através desse contato, do toque, das palavras, das mãos macias, da roupa limpa, do colo, a criança percebe se está sendo ou não amada, valorizada, desejada. Essas são experiências que marcam a existência do EU infantil, que está em formação e que vai se consolidando na interação com o outro.

A sexualidade desenvolve-se através de relações interpessoais: no jogo organizado pelo professor, na escuta de histórias infantis escolhidas e contadas para as crianças, nas atividades realizadas entre elas, por seu envolvimento em jogos e brincadeiras realizadas nos diferentes cantinhos ou salas ambientes. Nos grupos e nas brincadeiras entre colegas, surgem questões ligadas à sexualidade.

A criança pergunta, quer saber a explicação de muitas imagens que vê. Cabe ao professor perceber esses momentos e aproveitá-los para conversar com as crianças sobre o assunto. É importante distinguir o que pode ser feito ou dito imediatamente e o que pode ser melhor trabalhado depois, na rodinha ou em algum projeto. Tais atividades buscam estimular diferentes vivências e levar a criança a participar e compreender o que ela mesma perguntou e está vivendo.

O espaço para este trabalho requer um clima favorável ao desenvolvimento de atividades lúdicas, que ajude a criança a descontrair e sentir-se à vontade para agir com tranquilidade, fazer seus comentários, investigar o que quer saber. As intervenções dos adultos visam tornar o trabalho mais produtivo, estimular a criança a vivenciar e perceber os diferentes papéis que pode desempenhar (ser mãe, ser pai, cuidar de filhos, fazer comida, ser homem ou mulher na sociedade atual) e também compreender como estes papéis imbricam-se e como cada um pode ajudar o outro sem deixar de ser ele mesmo.

A dinâmica deste trabalho exige que o professor busque recursos, realize trabalhos mais lúdicos, pois apenas falar e falar não contempla a dimensão de aprender pela interação. Entre os recursos possíveis há filmes, em que aparecem personagens cujos papéis podem depois ser

discutidos; há livros de história infantis. Outra possibilidade é a realização de dinâmicas de grupo. Por exemplo, sugerir que as crianças desenhem, em papel pardo, um corpo infantil e depois cole, no entorno desse corpo, imagens de revistas que contemplem as fases do desenvolvimento humano. Após, a colagem conversar e discutir sobre essas fases com as crianças, refletindo sobre os carinhos e afetos que percebem existirem nas diferentes fases do desenvolvimento humano. Ao contemplarem sentimentos, angústias, valores e crenças, o trabalho e o clima em que ele se realiza tornam-se construtivos.

As atividades e jogos realizados na escola infantil são importantes fontes de diálogo e aprendizagem sobre corpo, gênero e sexualidade. Mesmo que não usem linguagem explícita, a expressão e a comunicação emergem das experiências em que as crianças revelam o que sabem, o que não sabem e como lidam com as questões do corpo, gênero e sexualidade.

Conclusão

Para não se aterem à reprodução das desigualdades de gênero existentes na sociedade, advindas de concepções pautadas por equivocadas crenças e convicções sobre o que é ser masculino ou feminino, o professor é instado a pensar em atividades que promovam aprendizagens em relação a corpo, gênero e sexualidade na educação infantil. O desenvolvimento de tal processo requer:

- * romper com a acomodação e a alienação;
- * partir para a construção de projetos que contemplem a realidade de cada escola, a cultura contextual e as necessidades evidenciadas pelos alunos;
- * observar e propiciar espaço para questionamentos e dúvidas, considerando as inquietações das crianças;
- * criar alternativas e possibilidades para ampliar tanto conhecimentos sobre o corpo, gênero, sexualidade e como as relações afetivas;

* estar atento aos questionamentos, nem sempre explicitados pelas crianças, ajudando-as na busca de soluções;

* refletir sobre sua própria sexualidade, sobre seus valores, sonhos e desejos;

* ter claras as peculiaridades dos papéis femininos e masculinos, bem como o que é exigido de cada um, em decorrência de costumes e valores da sociedade;

* abrir espaços para análise de filmes, livros, revistas, imagens, de forma que as crianças possam fazer suas críticas e destacar possibilidades.

É fundamental que a abordagem da temática corpo, gênero e sexualidade seja feita de forma prazerosa e constitua projeto permanente no espaço escolar. Nos projetos trabalhar com atividades que envolvem jogos corporais e oportunizem o desenvolvimento da corporeidade, utilizando-se diferentes estratégias tais como imitar diferentes animais, rolar no chão, dançar conforme a música, fazer barulhos fortes ou fracos, carregar pacotes leves ou pesados, brincar de mímica, tocar no seu corpo e no corpo do outro, emitir diferentes sons, simular diferentes sentimentos, imitar bonecos de pau ou de pano, enfim envolver o corpo em todas as atividades que permitam o desenvolvimento harmonioso.

As atividades que envolvem corpo, gênero, sexualidade precisam ser inventada/reinventada todos os dias, de modo agradável, para fortalecer descobertas pessoais e grupais. A abordagem deste assunto oportunizará esclarecimentos e informações tão desejados pelas crianças da educação infantil. As perguntas e dúvidas das crianças serão respondidas por elas mesmas a partir da análise feita em conjunto com o professor.

Se a escola assim fizer, as crianças ficarão mais capacitadas para enfrentar os problemas relacionados a gênero, corpo, sexo e sexualidade desvelados em cada estágio de vida.

BODY, GENDER AND SEXUALITY IN EDUCATION CHILD**Abstract**

This paper aims to think about genre, sexuality and body issues, which are observed in the childhood education practices. We intend to join forces with teacher's reflection and formation in a more significant to all ones engaged to childhood formation.

Key-words: sexuality, childhood formation, pedagogical proposal.

Referências

BRASIL, PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Temas Transversais*. v.10. MEC. Brasília. 1997

BRITZMAN, Deborah. Sexualidade e cidadania democrática. IN: SILVA, Luiz Heron. *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, Vozes, 1998.p. 154-171.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade*. Volume I. A vontade de saber. Tradução Maria Theresa da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

_____. *A Ordem do Discurso*. 12ª edição. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução Raquel Ramallete. 31ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PADRÃO REFERENCIAL DE CURRÍCULO: *Temas de Relevância Social, Ensino Fundamental*. 1ª versão, SEC, RS. Porto Alegre. 1997.

PERREIRA, G. A. Educação Infantil: a prática docente envolvendo o corpo, movimento e arte. In.: *Revista Ciências e Letras: Educação Infantil*. Porto Alegre: FAPA, n. 43, jan/jun./2008.

SBAT, R. Só as bem quietinhas vão casar. In: MEYER, D., SOARES, R. (Org). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2008.